



***Carta
para
mamãe***

rubens jardim

Eu quero te dizer que Mãe não é humano. Também não é animal. Mãe não tem limite. É uma específica aragem, única, do sagrado.

Um modo de doar as estrelas absolutas e de mostrar que o céu existe é para o filho mesmo.

E não importa o lugar do nascer. Não importa o lugar do viver.

Tudo é sagrado. Tudo é celebrado.

Pode ser um celeiro. Uma casa. Mas pode ser também um estábulo. Ou essas maternidades, que podem ser, Estrebarias. Ou hotéis de luxo.

E nós ainda pensamos que os bem nascidos dominam o mundo. Eles dominam o mundo mesmo. Mas há uma diferença entre dominar O mundo e dominar a vida. A vida é indomável. A natureza, indomesticável. E aqui cabe a indicação do poeta: quem lê os traços que os raios descrevem? Cabe, também, a verificação da inutilidade da ciência: ela evita um terremoto? Ou uma erupção vulcânica?

É claro que não estou incitando ninguém a jogar fora a ciência. Mas não podemos abrir mão das outras dimensões do humano. Meu filho, Thiago, já me fez esse alerta, dizendo literalmente isto:
*Será que o e-mail substitui a carta e o teclado as penas tinteiras franciscanas?
Será que os coquetéis anti-Aids*



*substituem as ervas indígenas
que curavam pela energia
e pela dedicação da mão amiga?*

Não há dúvida: essas são apenas imagens.

Mas que imagens, minha mãe!

Isso é poesia pura. Da melhor qualidade.

E só por isso elas revelam

O nosso ser.

Desvelam a nossa alma.

Assegurando o conhecimento direto.

Concreto. Aqui não existe o símile.

A comparação. Esse modo quase prosaico

de aprisionar o real e o viver,

submetendo tudo ao encadeamento lógico.

Sempre uma coisa depois da outra.

Sempre uma coisa

debaixo da outra.

E será que na vida real as coisas são assim?

Todos nós sabemos que o trágico,

o cômico,

e o erótico não vêm a conta-gotas.

O amor mesmo não é que nem lufada

de vento?

A metáfora só vem depois.

Como naquele filme *O Carteiro e O Poeta*.

Você deve lembrar daquele personagem,

perguntando, inquieto:

o que é uma metáfora ?

Pois bem: eu sei o que aquele filme te

respondeu.

Mas agora a resposta é do seu filho:

Metáfora é o abandono

de qualquer comparação.

Metáfora é uma meta

que está fora da palavra.

Metáfora é transcendência.

É ultrapassar os limites da palavra.

É não descrever um por do sol.



É colocar você diante dele.

Ou dentro dele.

É claro, Mãe, que eu sinto muitas coisas desse jeito.

Até porque, no meu modo de ser estão gravadas minhas origens. E elas me empurram pra uma outra dimensão.

Seja tema ou teorema, não escapo ao doméstico.

Mas fujo de quem traz nas mãos a coleira das convenções.

Aquela que --irritando-me sempre-- vive e vigora, agora e sempre num corredor que não acaba nunca.

Eu vivo, sim, escapando aos argumentos e as razões que buscam a explicação de tudo. Quero penetrar na sintaxe íntima das coisas. Exercitar o dia como quem sabe que vai morrer --mas vai encontrar a alma da infância. Afinal, os anjos não se desfazem --nem nos arrabaldes.

E seu equilíbrio, singular, está no avesso de qualquer murmúrio. Ou percalço.

Minha fragilidade é tentar compreender a outra face das coisas. O outro lado do mundo. O outro lado. O outro.

E nada disso repousa em gestos conhecidos, olhares partilhados.

Ou caminhos já percorridos.

Minha própria -- ou imprópria poesia -- é uma celebração desse não cessar nunca.

Mas o que eu quero te dizer é que Mãe é uma percepção total do mundo.

Um alerta máximo da paz. Mãe é a saúde absoluta. Mãe é a palavra mãe gestando desenhos, antecedendo auroras, relembrando traços, instalando instantes.

Mãe são os ritmos. Os rumos. Os rituais.

Mãe são as músicas. Os velocipedes.

As palavras definitivas e férteis



da juventude. Os silêncios sagrados.
A pulsação das origens.
Mãe são os vendavais, os silêncios,
as esperanças animais. Mãe é a flor
escolhida. A quimera. O assentimento.

Mãe são as conversas. Os versos.
Os poetas idealizados. Os sábios.
Mãe é essa Grécia descoberta cedo,
esse Fídias, esse Platão, esse Sócrates.

Mãe é esse Shopenhauer distilando
a dor em mim. Me fazendo
pensar, duvidar, sentir. Mãe é também
esse Nietzsche me levando ao abismo
do nascimento do além-do-homem. Mãe
é o Bandeira me mostrando Salvador,
a grande sala de jantar do Brasil.
Mãe é o Drummond me mostrando
que Mãe, na sua graça, é pura eternidade.
Mãe é o Jorge de Lima revelando a minha
meninice.

Faz de conta que os sabugos são bois...

*Faz de conta...e os sabugos de milho mugem
como bois de verdade...e os tacos que deveriam
ser soldadinhos de chumbo são cangaceiros de
chapéus de couro...*

*É boquinha de noite no mundo que o menino
impossível povoou sozinho!*

Mãe é o Rilke me ensinando que todas as
obras de arte são de uma infinita solidão.

Mãe é o Walter. A vó Elisa. O vô Bento.
O meu irmão. A minha irmã é minha mãe.
O meu pai. O tio Dirceu. A tia Concha.
O tio Juvenal. A Dulcinha. A tia Dulce é
minha mãe. A tia Lourdes. A tia Preta. A tia
Linda. A tia Rosa. O tio Dimas. O tio
Aparício. O tio Nino é minha mãe. A tia
Alice. O tio Nené. A tia Emília. O tio
Agenor. A tia Alzirinha. A vó Maria é
minha mãe.



E são também minhas mães os meus primeiros e definitivos amores. Isabel que me deixou sozinho debaixo do céu. Flávio Márcio que cobriu esse céu com estrelas súbitas. Suely que perseguia essas estrelas em todos os cantos da terra. Bell que sempre me enxergou inteiro, com luz e sombra. Eulália que viu esse fio de luz e me levou aos beirais da dança e aos umbrais do corpo. Iracy que me doou o mistério de seus olhos e de seu ventre. Mônica, que ainda menina, mergulhou inteira na minha alma e no meu corpo.

Mãe é a Ivone me arrancando de tudo isso, Plantando-se em meu coração. E ela cresceu depressa demais. Exatamente como aquele verso do Rainer.

Mãe é a Ana povoando a minha solidão noturna. E recuperando em mim os sentidos, os tatos, os contatos. E os riscos sempre imprevisíveis da paixão. O caos da juventude. As estrelas iniciais. Exatamente como o aforisma nietzschiano: *é preciso ter um caos dentro de si para dar a luz uma estrela cintilante.*

Pois é, o encontro com a Ana foi assim: inesperado e surpreendente. Do Pirandelo para o Gigeto. E do Gigeto para minha casa. Entramos no amor como se entra em uma moradia nova -- cheios de estranhamentos. Mas a Ana soube superar esse chão de desastres e conduziu as coisas para além da escuridão. E para aquém da luz excessiva. E é com a Ana, essa mulher comparsa e companheira, que eu espero largar mão dessa vida, e buscar a vida verdadeira. Aquela que nos devolverá para a nossa única e legítima mãe: a terra.



